



21º Congresso de Iniciação Científica

**UM ESTUDO SOBRE AS OBRAS DE HANNAH ARENDT E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A
COMPREENSÃO DA EDUCAÇÃO, DA CRISE DA EDUCAÇÃO E DA RELAÇÃO ENTRE
APRENDIZAGEM E CONDIÇÃO HUMANA**

Autor(es)

ANDREA STEFANIA MASCARELLO

Orientador(es)

CLAUDIA BEATRIZ DE C N OMETTO

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPq

Resumo Simplificado

O objetivo desse trabalho foi desenvolver, a partir das reflexões de Hannah Arendt (1906-1975), uma ampla compreensão dos conceitos de trabalho, labor, obra, espaços público e privado, conhecimento e pensamento, trazendo-os para o âmbito da educação, fecundando assim em pontuações que nos tragam (re)significações para a própria educação, para a crise na educação e para a relação entre aprendizado e condição humana. Contudo, Arendt nunca foi uma pensadora especialista em educação, dedicando grande parte de sua carreira ao pensamento político, porém, sua inquietude sobre a crise no sistema escolar americano no século XX a motivou a observar as questões que permeavam essa crise, presentes na obra *Entre o Passado e o Futuro*, de 1961, principalmente pelo fato de oportunizar uma investigação da essência dessa crise. Ao analisarmos as principais obras de Hannah Arendt, sem dúvida, aquela em que encontramos com mais profundidade os conceitos que nos propomos a analisar é *A Condição Humana*, de 1958, sendo um pontual convite à compreensão de termos característicos da era moderna: trabalho, obra, ação, espaço público e espaço privado. Não menos importante, principalmente atendendo a nossa proposta de debater conceitos arendteanos com a educação, é a obra *A Vida do Espírito* (1995), na qual a pensadora traça comparativos e diferenciações entre dois conceitos: conhecimento e pensamento. Diante dessa construção, foi possível arquitetar reflexões que tematizaram os conceitos de Arendt com os processos de aprendizagem e com as discussões acerca da educação. Compreendemos que, para Hannah Arendt, educar é acolher as crianças em um mundo que já existe antes dos seus nascimentos, um mundo que deverá – a partir da educação – ser renovado pelas gerações, portanto, a educação deve também contribuir para que as crianças desenvolvam sua singularidade. Se entendermos, portanto, que a educação escolar pode oferecer muito mais do que um mero treinamento, para a aquisição de determinadas habilidades, podemos entender, portanto, a decadência dos processos educacionais. Pois, em um momento onde partilhemos menos nossos valores e saberes, parece então não fazer sentido ensinar alguma coisa aos mais novos. Como aponta Arendt, a suposta “liberdade” da era moderna pode ter feito com que cada indivíduo possa fazer suas escolhas, mas ao mesmo tempo, marginalizou a educação e a isentou de suas responsabilidades éticas e políticas. Entendendo-se a escola como instituição social e a educação como fenômeno sociopolítico, a teoria arendtiana traz relevante contribuição para a compreensão das políticas públicas para a educação, para o lugar da escola no mundo, para a função político-social do professor, da violência escolar, etc. (re)significando as possibilidades de ação, participação política e exercício democrático no interior das unidades escolares contemporâneas. Neste processo, o responsabilizar-se pelo mundo é tarefa da educação, concebida aqui como uma formação voltada para o pertencimento, para a compreensão e a renovação deste mundo comum. Arendt declara que abrir mão da educação seria ao mesmo tempo “desistir do mundo e abandonar as crianças”. Diante disso, sua

resposta a essa problemática é o próprio amor mundi.